

Exmo Sr. Presidente da Assembleia Municipal da Covilhã,  
 Exmo Sr. Presidente da Câmara Municipal da Covilhã,  
 Representantes da Universidade da Beira Interior e do Centro  
 Hospitalar Universitário da Cova da Beira,  
 Exmos. Srs. Representantes das Altas Entidades civis, religiosas e  
 militares,  
 Ilustres Representantes do Movimento Associativo e Comunicação  
 Social,  
 Estimadas e Estimados Concidadãos,  
 Minhas Senhoras e Meus Senhores

20 de outubro de 1870, data que hoje referenciamos por se comemorarem 154 anos da elevação da Covilhã a cidade.

Falamos do passado e do presente, mas hoje, convido-os a juntarem-se comigo a uma viagem ao futuro, a um futuro não muito distante onde podemos fazer uma crónica sobre o passado que é hoje o nosso presente.

**Assim:**

**Covilhã: Crónica de um Futuro Quase Perdido (Mas Finalmente Encontrado)**

Lembro-me de quando a Covilhã era conhecida principalmente pelas suas paisagens montanhosas, o frio da serra e a sazonalidade que transformava a cidade num dormitório de inverno. Um local que despertava do seu torpor apenas durante a época das neves, voltando ao seu estado letárgico mal o sol começava a aquecer as encostas. Mas, agora, essa imagem parece uma memória distante – quase uma anedota nostálgica dos tempos em que se achava normal que uma cidade com tanto potencial se contentasse com tão pouco.

Mas não nos deixemos enganar. O caminho até aqui não foi inevitável. Pelo contrário, durante anos, a Covilhã foi prisioneira de uma forma de gestão que, mais do que governar, parecia empenhada em administrar uma longa espera. Sim, as infraestruturas básicas estavam lá, as iniciativas culturais eram organizadas com um certo grau de entusiasmo... mas faltava algo crucial: visão. A visão para entender que o futuro não espera, e que uma cidade do interior, como a Covilhã, não pode permanecer sentada a contemplar a paisagem enquanto o mundo à sua volta corre.

Até ao final do primeiro quartel deste século, a Covilhã não se distinguia muito daquilo que já conhecíamos. O executivo socialista tinha-se tornado mestre na arte do "governo mínimo", onde as prioridades pareciam ser manter as coisas

*afazeres mínimos*

funcionais, sem nunca ousar mais. Na prática, isso significava que os investimentos em inovação eram considerados arriscados, as parcerias internacionais estavam confinadas ao ocasional convívio com autarquias vizinhas, e a UBI, embora um centro de excelência acadêmica, não conseguia reter a juventude que formava, condenando a cidade a uma fuga de cérebros constante.

O turismo, claro, girava em torno da neve, como se a economia de uma cidade inteira pudesse flutuar ao sabor das estações. Era uma aposta conservadora, que ignorava completamente as mudanças climáticas e os sinais de alerta de que o inverno, tal como o conhecíamos, estava a desaparecer.

Como se não soubéssemos que a desatualização e distanciamento de todas as novas formas de gestão e da tecnologia nos deixariam incapazes de competir num mercado global cada vez mais interligado e digitalizado.

E assim, ano após ano, a Covilhã continuava, como quem espera um comboio numa estação que já fechou. A cada eleição, renovava-se a esperança de que talvez, desta vez, algo mudasse. Mas a mudança parecia sempre fora de alcance.

Foi então que algo, finalmente, aconteceu. Não por obra do acaso, nem por intervenção divina. Um dia, os covilhanenses quiseram algo diferente, quiseram mais e nas urnas, surgiu uma coligação de forças progressistas que prometia não apenas gerir a cidade, mas transformá-la. E a transformação, como se viria a verificar, não seria meramente cosmética.

O novo governo municipal partiu de uma premissa simples, mas revolucionária: **a Covilhã não precisava de se comparar com Lisboa ou Porto, mas sim encontrar a sua própria identidade global.** Ao invés de tentar ser uma cópia modesta dos grandes centros urbanos, a cidade apostou em ser única – um local onde inovação, sustentabilidade e qualidade de vida se encontrassem numa harmoniosa sinergia.

O primeiro passo dessa transformação foi criar um **Plano Estratégico de Inovação**, ancorado na criação do **Parque Tecnológico da Beira**, um espaço dedicado ao desenvolvimento de tecnologias emergentes, desde a inteligência artificial à biotecnologia, com uma ênfase especial na economia verde. As fábricas de lanifícios, outrora abandonadas, foram reconvertidas em hubs tecnológicos de última geração, onde as startups floresciam com o apoio da UBI e de investidores internacionais.

A Covilhã passou a ser conhecida como o **Silicon Valley da Serra**, atraindo não apenas empresas tecnológicas, mas também nómadas digitais, que encontravam na cidade o equilíbrio perfeito entre trabalho e qualidade de vida. A cidade, que antes se via como uma pequena peça num grande quebra-cabeças, transformou-se num dos centros de inovação mais dinâmicos do país, com empresas a desenvolver soluções globais para problemas locais e vice-versa.

E tudo isso foi possível porque o executivo da cidade percebeu, finalmente, que investir em tecnologia não era um luxo, mas uma necessidade. Ao contrário dos seus antecessores, que temiam o custo inicial, a nova liderança entendeu que o retorno seria incalculável – e não apenas em termos económicos, mas também na retenção de talento, que há muito fugia para os grandes centros.

O turismo, por sua vez, foi repensado de cima a baixo. **Deixou de ser uma indústria sazonal, baseada na neve e nas poucas semanas de inverno, para se tornar numa atividade sustentável durante todo o ano.** A cidade apostou no **ecoturismo**, promovendo trilhos de montanha, cicloturismo, retiros de bem-estar e rotas gastronómicas que celebravam os produtos locais e a cultura serrana.

Integrou projetos de todo o concelho e que envolveram todo o município no sentido de cada um poder dar o que de melhor existe em cada freguesia.

O **Plano de Turismo Inteligente** integrou novas tecnologias para gerir o fluxo de visitantes de forma sustentável. Hotéis e alojamentos foram modernizados com infraestruturas ecológicas, sistemas de energia renovável e práticas de gestão de resíduos que se tornaram exemplares para outras cidades europeias. Em vez de saturar a serra com turistas, a Covilhã aprendeu a receber os visitantes de forma integrada, garantindo que o impacto fosse positivo tanto para os residentes como para a paisagem.

Mas a grande revolução no turismo foi a aposta na **internacionalização**. Parcerias com redes de turismo ecológico por todo o mundo posicionaram a Covilhã como um destino global para os viajantes mais exigentes, aqueles que procuram mais do que apenas um local para visitar – procuram uma experiência enriquecedora, autêntica e em sintonia com a natureza.

No campo, as coisas também mudaram drasticamente. As vastas áreas rurais da Covilhã, que durante anos lutaram contra a desertificação, tornaram-se epicentros da **agricultura regenerativa**. O **Centro de Inovação Agroindustrial da Beira**, entretanto criado, trouxe novas tecnologias que tornaram a agricultura local não só mais sustentável, mas também mais lucrativa.

A agricultura biológica passou a dominar, com produtos locais a serem exportados para mercados internacionais graças a uma logística eficiente e a uma marca que promove a Serra da Estrela como sinónimo de qualidade. Mas mais do que isso, os agricultores locais tornaram-se **pioneiros na produção de bioplásticos**, utilizando resíduos agrícolas para criar materiais sustentáveis que eram exportados para a indústria global de embalagens.

Este renascimento rural foi essencial para reverter o declínio populacional das aldeias serranas. Jovens empreendedores rurais, que antes se viam obrigados a abandonar as suas terras em busca de oportunidades, agora regressavam para inovar e prosperar, fazendo da agricultura um setor moderno e dinâmico.

A cereja no topo deste bolo de transformação foi a internacionalização. Ao invés de esperar que o mundo descobrisse a Covilhã, a cidade decidiu ir ao encontro

do mundo. Através de um **Gabinete de Relações Internacionais**, estabeleceu parcerias estratégicas com cidades e regiões globais, desenvolvendo intercâmbios culturais, económicos e tecnológicos.

Esta abertura ao exterior também atraiu uma nova geração de residentes: **investidores e criativos de todo o mundo**, que encontraram na Covilhã um local de inspiração e inovação. A cidade tornou-se um verdadeiro melting pot de culturas, onde o tradicional convivia com o moderno, e onde o global se mesclava com o local.

O impacto dessas mudanças foi sentido em todos os aspetos da vida urbana. Eventos internacionais, conferências tecnológicas e feiras culturais trouxeram uma nova energia à cidade, que outrora parecia tão isolada. Covilhã, finalmente, não era mais apenas uma cidade do interior – era uma cidade aberta ao mundo, que sabia receber e, mais importante, sabia dar.

Agora, ao olhar para trás, podemos ver como as decisões certas transformaram a cidade. E o mais irónico de tudo? A mudança sempre esteve ao alcance. O futuro nunca foi uma questão de sorte ou de magia. Foi, e sempre será, uma questão de vontade política, de inovação e, sobretudo, de coragem para pensar diferente.

O futuro pertence aos que ousam construí-lo – e a Covilhã, felizmente, ousou!

A Covilhã é a prova viva de que, com a liderança certa e a visão correta, até o interior mais remoto pode tornar-se num centro global de inovação e cultura. Que este exemplo sirva para outras cidades e regiões que, por muito tempo, se sentiram esquecidas. O futuro pertence aos que ousam construí-lo – e a Covilhã, felizmente, ousou.

Viva a Covilhã